

Estrangeirismos e o nosso idioma

Raymundo Pinto

Nas décadas de 50, 60 e 70, o conflito ideológico entre Leste (União Soviética e aliados) e Oeste (Estados Unidos e aliados) chegou ao auge. Havia radicais de ambos os lados. “O socialismo prevalecerá, derrotando o capitalismo e o imperialismo americano”, diziam os da esquerda. “Abaixo o comunismo e qualquer outro regime ditatorial de escravidão do povo!”, rebatiam os da direita. Fui universitário nessa conturbada época. Todos nós estudantes éramos pressionados a optar por um dos lados. Existiam os que diziam não gostar de política e nunca tomavam posição. No meio das variadas ideias, que alimentavam intermináveis discussões, resolvi me juntar ao pessoal que se proclamava da “esquerda moderada” e gostávamos de assegurar que, antes de tudo, era preciso defender o “nacionalismo”. Até chegamos a acreditar, em certo tempo, na superioridade do socialismo sobre o capitalismo. Contudo, por apego à democracia (o ideal maior, para nós), merecia nosso repúdio a chamada “ditadura do proletariado”, tão cara aos marxistas convictos.

Desculpe, leitor, mas o meu principal objetivo não é importuná-los com velhas controvérsias políticas hoje superadas, após a derrocada da URSS. Vou tratar de um assunto mais ameno. Recordei fatos de minha juventude para informar que, naquele tempo, o grau do sentimento nacionalista chegou ao ponto de condenar a denominada “alienação cultural”, ou seja, a cópia fiel de usos, costumes e outras manifestações culturais vindas de países estrangeiros, inclusive no tocante ao idioma. Os que amadureceram no correr dos anos reconhecem na atualidade que exageraram. A linguagem, em qualquer parte do mundo, é algo que está sempre em evolução. Quanto mais progridem os meios de transporte e quanto mais as pessoas interagem com cidadãos de outras nações torna-se evidente que os idiomas tendem a enriquecer. O avanço da ciência e da tecnologia também ampliam o vocabulário de uma língua. É evidente que o português segue a tendência mundial. Constata-se, sem dúvida, que evitar os estrangeirismos se tornou impossível. Em face disso, defendo hoje uma posição de relativa tolerância que pretendo esclarecer mais adiante.

O esporte mais praticado no Brasil deu um bom exemplo de adaptação de termos em inglês para o português. “Futebol” vem de “football” (seria horrível chamar “pé-na-bola”). “Goal” significa “meta”, ficando bem melhor reduzir para “gol”. “Goleiro” foi criado para substituir “goalkeeper” (guarda da meta). “Zagueiro” antes era “back” (atrás, costas).

Até meados do século passado, o francês tinha muito prestígio entre nós. “Menu” (a última vogal *u* pronuncia-se quase como se fora um *i*, embora muitos ignorem isso) ganhou uma palavra correspondente em nossa língua: “cardápio”. A conhecida peça feminina “sutiã” vem de “soutien” (apoio, sustentáculo). “Abat-jour” (quebra-luz) passou a ser “abajur”. Ninguém conseguiu mudar o nome da festa que comemora a passagem de um ano para outro: “réveillon” (uma refeição à meia-noite). Muita gente gosta de se deliciar com um “cr oissant” (crescente) ou um petit gateau (pequeno bolo).

O italiano está também presente, em especial com comidas e bebidas: pizza, mortadela, lasanha, risoto, polenta, talharim, cappuccino. Todo mundo conhece essas

palavras e nunca precisou encontrar correspondente em português. Curiosidade: o nome da maior festa brasileira – carnaval – foi buscado na Itália (“carnevale”)!

Pela grande influência que os Estados Unidos exercem no mundo todo, a língua inglesa é, sem nenhuma dúvida, a que mais tem contribuído para o aumento de estrangeirismos no nosso idioma oficial, sendo que, depois do computador e da internet, essa ampliação se tornou significativa. Muita gente não sabe que “net” significa “rede”. De fato, seria uma denominação longa falar-se em “rede internacional”, ficando melhor a abreviatura consagrada. Hoje em dia, jovens, “coroas” e até velhos já se familiarizaram com termos como “site”, “login”, “whatsApp”, “e-mail” e “download”, entre vários outros. Português possui o verbo “apagar”, mas virou uma febre usar “deletar” (“to delete” em inglês). Por todo canto se vê “cartazes de rua”, porém se insiste em chamar “outdoor” (fora da porta). Quando faltava energia, dizia-se que ocorreu um “blackout” (negro fora). O recente aportuguesamento foi feliz: “apagão”. Nas lojas, abandonaram a palavra “liquidação” e agora é “sale” (venda) ou “off” (fora). “Homossexual” passou a ser “gay” (alegre). Soube que um conferencista metido a ser erudito disse uma vez que iria “startar” um assunto. Ora, o verbo “to start” em inglês tem nada menos de três significados em português: iniciar, começar e principiar.

Gostaria de deixar claro para meus leitores que não sou contra os estrangeirismos. O mundo progride com rapidez, sendo inevitável ter de denominar as novidades que derivam do avanço da tecnologia, dos novos costumes, entre outras origens, criadas pelos diversos povos. Há que se condenar, todavia, os exageros. Às vezes, existe um vocábulo equivalente na nossa língua e, outras vezes, é possível fazer uma adaptação condizente. Por que não tentar fazer dessa forma e não apenas copiar o termo estrangeiro igualzinho?

Raymundo Pinto, desembargador aposentado do TRT, é escritor, membro da Academia de Letras Jurídicas da Bahia e da Academia Feirense de Letras. racpinto@uol.com.br